

CAPISTRANO DE ABREU (*)

PEDRO GOMES DE MATOS

Após as grandes comemorações que assinalaram o 1.º centenário de nascimento de Capistrano de Abreu, pode-se dizer, sem medo de afrontar a verdade, que não há, no Brasil, pessoa medianamente culta que não conheça e não admire a figura veneranda do grande mestre da História Nacional.

Estudioso e pesquisador de rara perseverança, espírito cheio das mais nobres curiosidades, inteligência arguta e pronta, o ilustre brasileiro, cuja estátua se inaugura nesta praça, não deixou, por certo, obra tão volumosa como poderia ter produzido com os inúmeros cabedais que reuniu, estudou e criticou, mas na exiguidade relativa de sua bagagem literária há elementos para justificar o grande aprêço em que é tido por quantos se dão ao cultivo das letras históricas.

Por mais de um veio da ciência humana exerceu Capistrano sua extraordinária faculdade de aprender, mas foi precisamente na da História Pátria que melhor se comprazeu a sua beneditina compleição de rebuscador e analista, tarefa na qual era servido por assombrosa memória. Ledor infatigável, crítico cujos dotes revelou na mocidade, não o instigava a vaidade de autor e daí o caráter dispersivo de grande parte de sua obra, ainda hoje desparzida em folhetos, em prefácios, em artigos e comunicações para jornais, no que revelava o seu absoluto desprendimento da vanglória. Como o Barão de Studart, não o atraía o interesse da pesquisa pela pesqui-

(*) (Discurso proferido em 17-5-1965, por ocasião da inauguração da estátua de Capistrano de Abreu, na Praça Capistrano de Abreu, antiga da Lagolha, em Fortaleza.)

sa, mas "pelo desejo de conhecer as fontes e divulgá-las em registros ou publicações".

Continuador da estirpe de Varnhagen na sistematização das pesquisas sobre a História Brasileira, por vários anos se consagrou a investigações sobre a língua dos caxinauás, do que resultou obra singularíssima e de incontestável valor científico. Seu estilo reflete a índole de intelectual despreocupado e toda a sua obra, que se resente das influências originárias da leitura de Buckle, Comte, Taine e Spencer, deixa a impressão de que a realizou um espírito servido por uma erudição variada e profunda, como, de um modo geral, só a granjeiam os que, como ele, foram sobretudo autodidatas.

Nasceu João Capistrano de Abreu em Maranguape (Ceará) a 23 de outubro de 1853 e na sua província natal estudou por esforço próprio as Humanidades, sem outro incentivo que a sua precoce curiosidade intelectual. Transferindo-se em 1875 para o Rio de Janeiro, exerceu a sua primeira atividade como empregado da editora Garnier. Lecionou no Colégio Aquino e obteve, por concurso, em 1879, o lugar de Oficial da Biblioteca Nacional, fato que marca o seu destino de historiador. Em 1883 concorreu à cadeira de Geografia e História do Brasil no Externato do Imperial Colégio Pedro II, logrando o primeiro lugar.

Sua obra está enfilexada em 7 volumes, dentre os quais **Capítulo da História Colonial**, "trabalho que, no dizer de José Verissimo, representa a síntese mais completa, mais engenhosa, mais perfeita e mais exata que poderíamos desejar naquele período".

Capistrano de Abreu foi indubitavelmente um dos espíritos mais originais de sua geração. Recusou fazer parte da Academia Brasileira de Letras, alegando "não desejar pertencer a nenhuma sociedade, salvo à sociedade humana, para que entrara sem haver sido consultado". Conhecidíssimos os seus hábitos boêmios, o seu desdém pelas praxes sociais.

Capistrano não foi apenas historiador, mas um dos maiores humanistas e helenistas do País, pela variedade e opulência de sua cultura, na qual se incluía o conhecimento de grande número de idiomas. Ele se antepôs à linha de Varnhagen, que só apreciava a história pelo lado político. E sem se preocupar em ter discípulos, "sem fundar grupos, sem se aproximar de rodas ou núcleos literários, sem pretensões a mentor, veio a criar uma escola da mais alta significação, a que se filiam hoje os estudos de interpretação sociológica do nosso passado. Mudou o rumo desses estudos sem dar a entender que o fazia".

Mestre da nossa história social, do desbravamento da terra e do seu povoamento, deve-se a Capistrano o exato significado histórico

da chamada **civilização do couro**. Ninguém mais objetivamente do que êle anteviu o futuro promissor do vale do São Francisco: já como traço de união entre Norte e Sul e já porque — registra Humberto de Campos — “foi o primeiro a tomar em consideração os fatores naturais para explicação dos fenômenos sociais e os fenômenos sociais como fatores de limites geográficos”.

A morte o surpreendeu em 1927, aos 74 anos de idade. Aliás, morando em um pobre quarto da Travessa Honorina, em Botafogo, tendo em volta uns armários e, no assoalho, livros em profusão. Capistrano expliou no cenário próprio às suas tendências nunca desmentidas. Viveu e morreu pobre. Chegou a assinar-se “João Ninguém”, mas teve como poucos “a maior das realezas — a realeza do gênio”, no conceito de Ramalho Ortigão. Que os jovens de todos os cursos leiam as suas páginas admiráveis sobre a **Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil**, os seus **Capítulos de História Colonial**, **Caminhos Antigos** e **Povoamento do Brasil** e aprendam e meditem nos exemplos de sua vida, malgrado a lealdade que teve à sua descrença e para a qual pouco atentou.

Em nome do povo de Maranguape — terra com a qual me congratulo — agradeço essa homenagem à memória do grande e amado Mestre que foi Capistrano de Abreu.

Bem haja os que sabem sentir e amar as coisas do espírito.